



### *Avant-Garde na Bahia*

Basta folhear o livro de Risério para que tenhamos apetite em devorá-lo. Uma belíssima documentação fotográfica forma um verdadeiro álbum da época. As imagens falam por si. Em seu “recheio”, o autor, que há muito se dedica ao estudo dos diversos aspectos culturais na Bahia, traça um panorama do momento baiano entre o final da década de 40 e o início da de 60, situando a Bahia dentro de um contexto político-cultural nacional e internacional.

O autor teve o mérito de colher um grande número de informações que se encontravam bastante dispersas, servindo-se de depoimentos e fontes primárias para construir um quadro geral daquele que ficou conhecido como o período áureo da cultura na Bahia. No âmbito da arquitetura, no entanto, as fontes utilizadas por Risério não foram tão ricas, prejudicando sua abordagem sobre o ambiente italiano vivido por Lina

Bo Bardi. Vale também o reparo feito por Caetano Veloso na apresentação do livro sobre o “apequenamento” de Eros Martim Golçalves no painel apresentado.

Estas breves observações não querem externar uma censura a esta publicação, que se constitui ampla base de informações para quem quer conhecer de perto o período baiano e leitura obrigatória para aqueles que pretendem se aprofundar na história recente da cultura brasileira.

A surpreendente oralidade com que Risério nos conta as histórias da Bahia, e que nos envolve numa leitura acessível e prazerosa, leva-nos a esquecer que o livro nasceu dentro do ambiente acadêmico, como dissertação de mestrado em Sociologia apresentada na Universidade Federal da Bahia. Este esquecimento é sintomático e nos mostra o quanto a universidade se apartou da vida e das questões da cidade. Hoje, quando falamos de teses e textos acadêmicos, pensamos logo em coisas maçantes e desvitalizadas, escritas numa língua-gem tão hermética que exige do “pobre” leitor verdadeira habilidade na “arte da decifração”. Os intelectuais de hoje já não são **profissionais** - no sentido utilizado por Glauber, de termo que encerra o “sentido da vida”, o “sacerdócio” - e parecem não perceber o quanto isto empobreceu a cultura pública.

O fascinante universo estético-cultural que vivia a Bahia dos *fifties* mostra-nos uma época em que a cultura

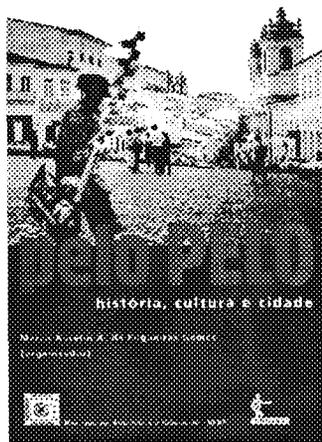
era a base de uma sociedade. E essa era justamente a principal preocupação da universidade de então, tendo à frente o reitor Edgar Santos: criar uma associação íntima entre universidade e cidade, uma complementando a outra. Universidade e cidade estavam sintonizadas num intercâmbio de idéias, e as relações entre cultura popular e erudita possibilitavam o diálogo do universo cos-mopolita com a realidade sociocultural e antropológica da cidade, o que Riserio denomina de “*dialética do cosmopolita e do antropológico*”.

Aquela era uma época em que a música, o teatro, a arquitetura, a escultura, a pintura, a literatura, a dança, o cinema, as artes populares, o candomblé, a antropologia fervi-lhavam pelas ruas da cidade da Bahia, e pessoas como Edgar Santos, Agostinho da Silva, Martim Gonçalves, Lina Bo Bardi, Koellreutter, Ernst Widmer, Smetak, Diógenes Rebouças, Walter da Silveira, Mário Cravo, Pierre Verger, Caribé, Yanka Rudzka, Vivaldo da Costa Lima, Clarival Valladares, Glauber Rocha, Cactano Veloso, Gilberto Gil... estavam - como propôs Glauber - “*vencendo a província na própria província*”.

O que se constata em *Avant-Garde* é que um dia a universidade esteve efetivamente no centro da invenção e da subversão culturais e que isso aconteceu aqui mesmo na Bahia, num tempo não muito distante, mesmo se as imagens deste já amarelecido álbum de retratos apenas confirmem que desde então a província só vem vencendo.

Olivia Fernandes Oliveira  
Mestrado em Arquitetura  
e Urbanismo - UFBA

Título: *Avant-Garde na Bahia*  
Autor: Antonio Riserio  
Ed.: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, São Paulo, 1995, 159p.il.



### *pele Pelô*

O livro *pele Pelô: história, cultura e cidade* é a mais nova e bem-vinda publicação do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Organizado pelo professor Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes, reúne os trabalhos apresentados no seminário “Pelourinho: O Peso da História e Tendências Recentes”, realizado também pelo MAU, em 1994. Participaram deste evento e têm suas contribuições reproduzidas no livro os professores e pesquisadores da UFBA: Ana Fernandes, Ângela Franco, Antônio Heliódório L. Sampaio, Lívio Sansone, Maria de Azevedo Brandão, Milton Santos, Pasqualino Magnavita, Ubiratan Castro de Araújo e o organizador. Além deles, João Jorge Rodrigues, dirigente do Grupo Cultural Olodum, e a historiadora Dea Ribeiro Fenelon, professora da PUC-São Paulo.

As reflexões condensadas em *pele Pelô* fornecem uma visão ampla e bastante esclarecedora sobre a questão do Pelourinho. Este não é tratado apenas como área investida de

alto valor histórico e artístico, mas também como parte integrante da problemática que envolve o centro da cidade, lugar de eclosão de movimentos culturais e referencial simbólico básico para amplos setores da sociedade. O tema único permite que se tome como objeto o conjunto da obra, e, assim, menos do que uma idéia geral de cada texto, tentaremos nesta resenha explicitar os enfoques de cada autor e apontar as idéias e propostas que surgem para o Pelourinho e para o centro antigo de Salvador a partir desse debate. As contribuições mais significativas para o tratamento do problema também serão assinaladas, pois estas, algumas vezes, transcendem o próprio objeto e se tornam de interesse geral para o estudo do espaço urbano.

Santos e Gomes e Fernandes realizam excelentes análises históricas dos processos econômicos e sociais responsáveis pelas transformações ocorridas no Pelourinho e no centro de Salvador até os dias de hoje. Franco, por sua vez, realiza uma fotografia atual do desempenho econômico da área central, mostrando que sua propalada decadência decorre muito mais de uma mudança no perfil de sua clientela e da queda na qualidade urbana do que da perda de importância econômica. Sansone assinala o papel do Pelourinho como referencial simbólico essencial para os jovens negros de classe média baixa da região metropolitana, e Rodrigues protesta contra a expulsão dos antigos moradores da área, analisando os reflexos disto no movimento cultural negro que aí floresce. A apropriação do Pelourinho como área de eventos culturais enseja a proposta de construção de um palco móvel por Magnavita e equipe da UFBA. O projeto visa a trazer mais conforto e segurança para os shows aí realizados e, devido ao seu arrojo e criatividade, poderá contribuir

grandemente para o avanço da discussão dos critérios de intervenção em sítios históricos. Brandão e Sampaio, por seu turno, não se restringem ao diagnóstico dos processos de produção espacial e simbólica do Pelourinho. A primeira fornece uma visão prospectiva das possíveis novas funções do centro antigo e explicita as políticas públicas pensadas para esta área. O segundo discute mais especificamente a última intervenção renovadora no Pelourinho e lança as bases de um possível plano urbanístico para a área central. Fenelon é, por fim, a única que, em termos estritos, foge ao tema. Focaliza a política cultural da municipalidade de São Paulo, durante o governo Luiza Erundina, em seus esforços de atuação conjunta com o planejamento urbano e desenvolvimento de ações no centro dessa cidade.

Os textos de *pelo Pelô* podem ainda ser descritos de outras maneiras. A maioria dos autores trata realmente do Pelourinho ainda que, em muitos casos, se coloquem numa perspectiva mais ampla para explicá-lo. Franco e Brandão, contudo, trabalham sobre a área central de Salvador, sem foco específico naquele setor. A questão negra, tão emergente e central quando se trata do Pelô, é abordada por Gomes e Fernandes, Araújo, Rodrigues e, mais profunda e cientificamente, por Sansone. A centralidade em Salvador vem magistralmente trabalhada por Santos, mas é também tratada por Gomes e Fernandes, Franco, Brandão, Sampaio e, num discurso sentimental, por Araújo. Em resumo, nesta publicação do MAU - como, aliás, o subtítulo do livro em parte assinala -, o Pelourinho e o centro de Salvador são discutidos do ponto de vista da história, da cultura, do urbanismo, da administração e da prática política.

Mas, enfim, que propostas de análise ou de intervenção para o centro histórico de Salvador surgem

a partir do debate registrado em *pelo Pelô*?

Uma proposta analítica de grande importância é lançada por Santos. Tomando o Pelourinho como mote, ele propõe que a produção do espaço urbano seja analisada a partir da investigação das transformações introduzidas na estrutura da cidade pela implantação de grandes sistemas técnicos (transportes urbanos, telecomunicações, etc.) e seus reflexos no comportamento social. Ou seja, propõe um método de análise baseado na identificação das esferas técnicas e psicológicas responsáveis por transformações urbanas, o que permitiria a introdução de questões simbólicas e axiológicas na investigação e possibilitaria concretamente a avaliação de ten-dências quase sempre ignoradas nos estudos tradicionais.

No que diz respeito à intervenção, surgem também algumas propostas concretas. De acordo com Franco e Brandão, a melhoria da qualidade urbana na área central de Salvador poderia ser conseguida mediante a exploração das potencialidades de ação conjunta ou da convergência de interesses entre o poder público e a iniciativa privada, apoiados no dinamismo comercial da área. A elaboração de um plano urbanístico que relacione a área central ao resto da cidade, focalizando o problema dos sistema viário e de transportes, seria, de acordo com Sampaio, necessária para o reforço da centralidade e para a requalificação urbana do centro antigo. O retorno de antigas funções à área central, especialmente, a administrativa e habitacional, e o redimensionamento da função terciária também são vistos por Brandão e Sampaio como fundamentais para essa requalificação. Gomes e Fernandes, de

modo implícito, e mais explicitamente Sansone, defendem a montagem de estratégia para a manutenção e defesa do “espaço negro” no Pelourinho. Isso seria obtido mediante a garantia de permanência de entidades culturais negras na área e a denúncia da política de preços e de ocupação que tende a expulsar esses usuários.

O centro da cidade e o Pelourinho que surgem a partir da leitura do conjunto dos textos de *pelo Pelô* não são iguais nem se confundem. O Pelourinho é visto como uma área especial e particular, com função bem definida, sobretudo após a última intervenção “restauradora”. Apesar das críticas (feitas mais duramente por Sampaio) à modernização empreendida pelo governo do Estado da Bahia, assume-se, de modo geral, o destino cultural e turístico da área como inevitável e aposta-se no sucesso da intervenção, desde que esta não liquide definitivamente com o que resta ali de território negro. A permanência do Pelourinho como “espaço negro” poderia tornar mais aceitável, em última análise, a radical mudança de tecido social.

O centro da cidade, por sua vez, é concebido e delimitado como “área central”. Há, a esse respeito, quase uma unanimidade no sentido do reforço de sua centralidade, da melhoria da qualidade urbana e de sua definição como área de referência e uso de todas as camadas sociais. A reformulação dos sistemas viários e de transportes urbanos, juntamente com o redimensionamento da função terciária e a introdução de funções administrativas, seria peça-chave desse esforço.

A mais nova publicação do MAU cumpre com eficiência a missão de abrir e aprofundar o debate sobre o centro histórico de Salvador e, por isso, deverá ser leitura obrigatória para quem se interessa pelo tema. Sente-se, contudo, falta de mais discussão

sobre as tendências atuais de utilização da área, de uma crítica mais consistente à remodelação do Pelourinho e de uma reflexão mais profunda sobre as implicações dessa intervenção na configuração da área central e nos campos simbólico e cultural. Os problemas relativos aos critérios de restauração e conservação que o projeto governamental suscita não são mencionados, e os participantes do debate não ousam arriscar previsões, otimistas ou não, sobre o futuro da intervenção. Nota-se, sobretudo, a ausência de reflexão sobre questões que, a nosso ver, se tornam fundamentais quando se coloca o novo Pelourinho na berlinda:

- O que pode acontecer com a área nos próximos anos?

- O consumo turístico e cultural será suficiente para mantê-la dinâmica e conservada, justificando o investimento público?

- Como as forças do mercado efetivamente se apropriarão da área, mantidas as atuais condições?

- Como evitar que a “restauração” do centro histórico se torne algo destrutivo de tipologias arquitetônicas e outros vestígios materiais do passado?

- Qual a durabilidade das intervenções físicas realizadas, e o que se pode avaliar com relação ao seu custo?

- Até quando o governo do Estado precisará injetar recursos no Pelourinho e policiá-lo ostensivamente para manter a animação e o interesse do mercado?

- Como será possível manter a efervescência do movimento cultural negro no Pelourinho sem a presença do “bairro” que o alimentava?

- A garantia da presença do Olodum e dos Filhos de Gandhi será suficiente para a preservação do “espaço negro” do Pelourinho?

- Como efetivamente melhorar a qualidade urbana do centro da cidade e reforçar sua centralidade sem - como observa Franco - “reproduzir a exclusão”?

O conjunto dessas indagações não indica de modo algum que a questão do Pelourinho tenha sido superficialmente tratada no Seminário promovido pelo MAU. Indica apenas que o assunto não está esgotado e que deverá haver uma segunda rodada de discussões. Para nós, leitores, fica assim a expectativa de, em breve, ter nas mãos um segundo e igualmente instigante *pelo Pelô*.

Marcia Sant'anna  
SPHAN-Fortaleza

Título: pelo Pelô: história, cultura e cidade.  
Org.: Marco Aurélio A. de F. Gomes  
Ed.: EDUFBA/Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 1995, 155p.il.  
Preço: R\$15,00



### *Tecnologia da Conservação e da Restauração*

Quando o professor e restaurador Mário Mendonça organizou os roteiros de estudos para publicação, fê-lo no sentido de colaborar com os cursos de pós-graduação (CECRE e Mestrado).

Reconhecendo o valor da obra, o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, contando com a colaboração do PNUD/UNESCO/IPHAN/NTPR/DCTM, tomou a seu cargo esta publicação, que vem contribuir na formação de restauradores e, igualmente, na instrução de profissionais especialistas, inclusive estrangeiros, que, relacionados com as condições peculiares dos seus respectivos países, ficam ao menos advertidos para o valor dos parâmetros científicos exigidos na atividade restaurativa.

O propósito perseguido na elaboração deste trabalho foi o da exposição sucinta, sem descurar, contudo, dos fundamentos científico-

culturais e das incidências críticas de Vitruvius, Cataneo, Plinius, Alberti, Filarete, etc., tratadistas que dedicaram parte de suas obras à significância dos estudos voltados à durabilidade dos materiais e das estruturas.

O livro está dividido em duas partes: a primeira dedicada aos materiais, e a segunda, às estruturas, abrangendo, inclusive, um conjunto de assuntos técnicos, em que o essencial se encontra nitidamente separado do acessório. Objetividade e clareza constituíram-se, portanto, normas na elaboração do livro *Tecnologia da Conservação e da Restauração*, obra sintética, cinzelada e de fácil manuseio a quantos dela precisem.

No ensino do emprego dos novos produtos na conservação e restauração dos materiais, a exemplo dos consolidantes e protetores, empenhou-se o pedagogo na comunicação dos novos padrões que asseguram a obtenção dos melhores resultados.

Todo o esforço desenvolveu-se no sentido prático, sem a preocupação das perifrases ou a pretensão de valorizar o próprio trabalho.

Há de se reconhecer, ainda, que, ao se percorrer a galeria de publicações estritamente técnicas, e dadas as dificuldades e escassez de bibliografia especializada, este trabalho conquista lugar cimeiro, por sua originalidade e por seus méritos intrínsecos.

Na sua autêntica originalidade, surge a consciência firme do valor da pesquisa científica na restauração, que o próprio autor defende, já no seu prólogo, com extrema convicção.

Raras vezes se encontram, de forma concreta, em livros didáticos, esquemas e roteiros capazes de orientar na aplicação prática as soluções suscitadas na teoria. Nessa linha de orientação é que o emérito professor contribui através dos diferentes assuntos com o seu *background*, resultado do trabalho árduo, de anos de estudo e pesquisa.

Este livro, dedicado não só aos alunos da pós-graduação, mas a todos que se interessam pela causa da preservação da memória arquitetônica, representa um trabalho laudável, de quem vem exercendo a profissão, balizado nos princípios do mestre Pietro Cataneo, que sublinha a qualificação do bom arquiteto no ser científico e criativo.

Esta publicação bilingüe de roteiros de estudos, em português e espanhol, disponível aos profissionais brasileiros e latino-americanos, é oportuna e revela a dignidade científica do trabalho.

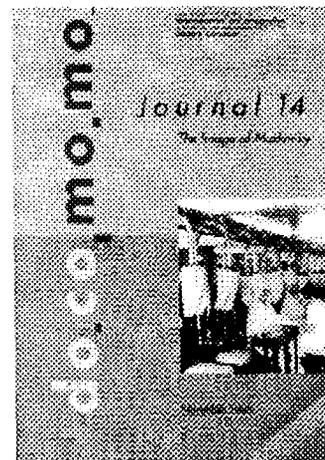
A bibliografia apresentada pelo professor Mário Mendonça traduz uma multiplicidade de interesses por áreas afins à questão desenvolvida, o que confirma uma das características de sua personalidade.

Chama a atenção na bibliografia apresentada a discriminação cuidadosa de acordo com o assunto tratado, inclusive com elenco de autores de competência internacionalmente reconhecida.

Portanto, ao alcance de nossas mãos, está uma publicação que, pelos valores didáticos e de embasamento científico, há de tirar horas de fadiga e indagações, normalmente enfrentadas no exercício da atividade restaurativa.

Antonio Carlos Figueiredo Barbosa  
Faculdade de Arquitetura - UFBA

Título: *Tecnologia da Conservação e da Restauração. Roteiros de Estudos.*  
Autor: Mário Mendonça de Oliveira  
Ed.: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA/PNUD/UNESCO, Salvador, 1995, 310p., bilingüe (português e espanhol)  
Preço: R\$ 16,00



### *Imagem da Modernidade*

O *DOCOMOMO Journal 14* tem como tema a imagem da modernidade. Seis artigos apresentam aspectos diferentes desta imagem. Os três primeiros, mais gerais, assinam Hilde Heynen, Jan Henket e Nic Tumers. Os três últimos tratam da arquitetura e sua relação com outras expressões artísticas, a saber: a fotografia, o cinema e a música. Os autores são, respectivamente, C. Bonney, A. Doolaar e G. Downie.

“*A Imagem da Modernidade: uma expressão de progresso e emancipação*”. O artigo de Hilde Heynen, partindo de uma análise sobre a expressão de progresso e emancipação posta pelo Movimento Moderno dos anos 20 e sua desvirtuação nas décadas posteriores, chama a atenção para os riscos que organizações como o *DOCOMOMO* apontam diante do que se tornou a imagem da modernidade no presente: ícones famosos usados de diversos modos e em diferentes contextos. Dois são os momentos que a autora identifica como criadores de imagens distorcidas

em relação ao período heróico do Movimento Moderno. O primeiro na exposição *The International Style* do MOMA (1932), em que as preocupações sociais foram postas de lado e a arquitetura moderna identificada com uma mudança estilística foi reduzida a uma imagem facilmente reconhecível, sem a necessidade de qualquer conteúdo adicional. O segundo, reconhecidamente crítico à produção das décadas posteriores, quando as antigas aspirações das vanguardas tornaram-se um programa unívoco no qual a redefinição permanente de objetivos não tinha papel de destaque. Como consequência de que a legitimação do projeto da modernidade não é mais dado como certo, as imagens do passado não são mais válidas em si, tornando-se, mais e mais, itens de consumo. O risco confrontado pela conservação/restauração de edificações modernas seria de a preocupação estética ter precedência sobre as sociais e as políticas. O perigo é desembocar em uma situação em que salva-se a imagem mas perde-se a própria modernidade.

“*Da Imagem para a Essência: lições da modernidade*”. Jan Henket, no seu ensaio, considera que, deixando de lado os aspectos negativos da arquitetura moderna, tais como a negação do contexto local, a tábula rasa, a separação de funções e a negligência com a imaginação, diversas intenções do Movimento Moderno são ainda relevantes. Problemas de então, argumenta ele, ainda estão presentes, e a abordagem niilista atual deve ser revertida. Inovações do passado recente poderiam ainda ser estimulantes para o futuro. A redução do supérfluo e a maximização no uso dos materiais e sistemas construtivos, as observações válidas adaptadas ao contexto atual e o Movimento Moderno como fonte de inspiração devem ser prioridades na arquitetura.

“*A Nova Monumentalidade: imagens e imagem da modernidade*”. Considerando em conjunto as artes visuais e a arquitetura, Nic Tumers coloca como as mesmas contribuíram para especificar o tempo, o espaço, a época e o domínio do que se chamou Movimento Moderno: patrimônio do século XX e material substancial disponível para os projetistas atuais. Sua seleção, entretanto, deve considerar a questão da autenticidade, com ênfase na nova imagem espacial como alguma coisa de valor evocativo. Para ele, uma nova era - que contrasta com assentamentos e imagens de outras eras do passado: a primeira sendo a da espacialidade côncava, clausura em que o horizonte estava ausente; a segunda, em que o homem se conscientiza de sua verticalidade, a era do lugar sobre a Terra - se estabelece no século XX, na qual a nova espacialidade está sendo experimentada, além do horizonte, ao redor da Terra, no espaço cósmico.

Contudo nenhuma dessas eras, argumenta Tumers, pertence a outro tempo, e algumas vezes elas se superpõem. Exemplos provocam os leitores deste texto intrigante. E fica o convite para ver, em Bratislava, a obra de F. Kisler, que “*manejou o novo fenômeno espacial integralmente*”...

“*Focus na Vida Moderna: o registro fotográfico de Paris moderna*” por Claire Bonney descreve o trabalho da fotógrafa, principalmente entre 1925 e 1932, de obras de arquitetura de diversos arquitetos franceses, mais ou menos conhecidos, constituindo-se, assim, uma fonte arquivística riquíssima que vem sendo sistematicamente utilizada por pesquisadores. Registrando exteriores e interiores e permitindo reconstruções de seqüências espaciais, mobiliário e uso de diversos cômodos; as fotos incluem

trabalhos de André Lurçat, Mallet-Stevens e Le Corbusier.

“*Arquitetura Moderna e Cinema: North by Northeast*” é um relato fascinante das experiências cinematográficas ambientadas em edificações modernistas reais e/ou cenográficas. Não apenas diretores de arte, mas também arquitetos, a exemplo de Mallet-Stevens, executaram cenários inspirados em F. L. Wright, Le Corbusier e Neutra. No filme *North by Northeast*, de A. Hitchcock (1959), edifícios são como personagens, cada um tem sua função no enredo.

“*O Som da Modernidade*” trata do modernismo na arquitetura e na música, utilizando os três princípios da arquitetura (volume, regularidade e ausência de ornamento) colocados por H. H. Hitchcock e P. Johnson em *The International Style* (catálogo da exposição do MOMA de mesmo nome) em relação a equivalências aplicáveis a certos aspectos da música atonal.

Anete Araújo

Faculdade de Arquitetura - UFBA

Título: The Image of Modernity  
Autor: DOCOMOMO Journal 14  
Ed.: DOCOMOMO Internacional,  
Amsterdã, nov.95  
Preço: R\$ 10,00 mais taxa de envio